
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

KONINGS, Johan: *Espiritualidade no compromisso*. — São Paulo: Ed. Paulinas, 1988. 114 pp., 20 x 13,2 cm.

O professor Johan Konings seria, na expressão da "filósofa tupiniquim", um "intelectual produtivo". Exegeta de formação e profissão, tem-nos brindado com excelentes trabalhos em áreas diversas. Desta vez a prática pastoral, sobretudo como assessor nacional do Movimento de Cristãos Universitários, está na origem deste novo livro.

No contato com a pastoral de juventude e universitária, J. K. percebeu que "existe indubitavelmente, fome e sede por verdadeira espiritualidade" (5). A constatação provoca o presente texto, "para dizer aos jovens empenhados na luta por uma história mais humana e mais divina, que o Espírito é fogo e não água com açúcar" (6).

O esquema de fundo põe a descoberto o quilate científico do A. Os pressupostos fundamentais ocupam os dois primeiros capítulos, onde categorias filosóficas e teológicas são tratadas de modo preciso e agradável.

"O jovem cristão e a crise da espiritualidade" é o tema do cap. I. O A. pretende falar a uma "categoria bem específica de jovem cristão" (13), o militante. Os fatores da presente crise são equanimemente repartidos entre a ordem "religiosa e eclesial", "familiar e psicológica", "sociológica e cultural" e a "modernidade".

Tratando do "jovem no mundo" (32), o A. descreverá aquele de modo um tanto quanto caricatural (33), mas enfrenta corajosamente o até aqui clandestino tema da afetividade do militante (34). À luz da ação transformadora do jovem, no meio intra- ou extra-eclesial, J. K. conclui o cap. profetizando: "se a Igreja assumir os jovens como jovens, no empenho pastoral pelo Reino, encarnado na libertação histórica, e os tratar como sujeitos desta pastoral, ela estará fazendo o contrário daquilo que nosso atual tipo de sociedade costuma fazer. Pois esta marginaliza, de fato, o jovem da participação na sociedade" (46).

O cap. II dá de pensar, ao definir espiritualidade e logo associá-la aos desafios da práxis histórica, tudo à luz do mistério do Deus da Aliança. Aqui o A. introduz "o sentido cristão da transformação histórica" e causa admiração pelo modo fácil com que discorre sobre temas tão difíceis para um não menos difícil público leitor.

"A prática da espiritualidade" é o título do último capítulo, fulcro destas orientações que J. K. quer proporcionar aos militantes jovens (e adultos também). O tema é abordado de modo tão orgânico quanto a militância intelectual do A., para quem "a matéria da economia, da sexualidade, de tudo que constitui a nossa vida, deve ser transformada em mediação de verdadeiro amor de doação entre os seres humanos. Então, teremos a verdadeira espiritualidade, um modo espiritual de conceber a matéria como encarnação do Espírito do Deus-Amor" (82). "Contempla-

tivo na ação", o A. associa-se a Gustavo Gutiérrez para admitir ser esta categoria inaciana o modo do militante viver hoje, na América Latina, uma espiritualidade da libertação. O poço onde beber tal espiritualidade é bem amplo: a família, a comunidade local, a religiosidade popular, Igreja, os santos, criação e natureza, história e humanidade, o interior de cada um, o compromisso na ação.

E porque vivida no conflito, a espiritualidade do militante carece de expressões e momentos fortes. O A. não poupa testemunhos, orientações e conselhos, falando com entusiasmo de companheiro sobre oração individual e comunitária, revisão de vida, meditação, contemplação, sacramentos, vida eclesial, etc.

Alguém poderá concluir a leitura tomando-a por um guia para a ação. A espiritualidade poderá ser tomada como um meio para aprimorar a ação. "Tudo isso é verdade, mas não é o específico da espiritualidade. Esta não é um meio; é um fim em si mesma. Embora ela seja útil para a ação, sua finalidade não é servir para a ação. O conhecimento participativo de Deus é definitivo para o homem. E é isso que a espiritualidade busca" (109).

Acertarão as Ed. Paulinas se dotarem as próximas edições desta obra com melhor encadernação e submeterem-na a acurada revisão gramatical. Ganharão os jovens-leitores se o exegeta-místico-militante acrescentar-lhe breve glossário.

Este livro ajudará muitas companheiras e companheiros militantes na redescoberta da eterna novidade de um Deus-apaixonado por seu povo, um Deus-libertador presente em toda luta e irredutível a qualquer delas.

Alfredo Souza Dorea S.J.

KONINGS, Johan: *Liturgia da Palavra, caminho da fé.* Ano C: a vida do cristão. — São Paulo: Ed. Paulinas, 1988. 70 pp. 22,5 x 15,4 cm. ISBN 85-05-00928-2.

Com este fascículo, o A. leva a término seu projeto de catequese litúrgica, iniciado em 1986 (cf. apresentação dos fascículos anteriores *Persp. Teol.* 19 [1987] 97-98 e 20 [1988] 135). O título indicava toda uma tese: a Liturgia da Palavra é o caminho da fé, vale dizer: oferece a todo agente de pastoral excelente material para uma catequese completa num ciclo de três anos. Os subtítulos de cada ano (Ano A: O novo Povo de Deus; ano B: Jesus o Messias; ano C: A vida do cristão) já indicavam três grandes blocos catequético-teológicos: eclesiologia, cristologia, teologia moral e espiritual. Nesses três blocos podiam estar contidos todos os pontos fundamentais da fé e da prática cristãs (para conservar uma distinção tradicional que parece supor que fé não inclui prática, mas é mera teoria). Agora o A. confirma a potencialidade catequética da Liturgia da Palavra através de uma espécie de índice geral de matérias (pp. 69s). Em cinco grandes seções o A. mostra como Deus, Jesus Cristo, Espírito Santo, salvação, igreja e sacramentos, prática cristã, mandamentos

foram tratados no decorrer dos três anos, propiciando uma catequese permanente dos fiéis que freqüentam a celebração dominical.

Padres e agentes de pastoral — entre outros — temos que agradecer que o A. ponha sua profunda formação exegética e teológica a serviço da pastoral litúrgica. Conseguiu criar um instrumento que já se tornou de indispensável manuseio na preparação da liturgia dominical. Quem o usou durante dois anos, como o recenseador, pode testemunhar da utilidade do instrumento.

F. T.

CIMOSA, Mario: *Gênesis 1-11: a humanidade na sua origem.* / Tradução (do italiano) João Aníbal Garcia Soares Ferreira. — São Paulo: Ed. Paulinas, 1987. 133 pp., 19,9 x 11,9 cm. (Coleção: pequeno comentário bíblico — AT) ISBN 85-05-00718-2.

O A. empreende nesta obra a tarefa de interpretar e explicar Gn 1-11 e assim mostrar sua vigência e atualidade.

O livro está dividido em três partes. Na primeira parte, temos uma introdução histórico-literária dos primeiros onze cap. do Gn. O A. nos alerta a partir de que ótica é imprescindível ler estes cap., para assim não se cair no perigo do "concordismo". O caminho para compreender o sentido de Gn 1-11 está em captar a mensagem que o autor sagrado queria transmitir: a presença do amor de Deus desde o início do mundo. Para tal tarefa é necessário conhecer e compreender qual foi a origem do texto, suas características literárias (gênero e estrutura). Temas abordados no cap. II de modo bem didático.

O A. conclui esta primeira parte com um cap. extenso em que expõe uma visão de conjunto do conteúdo de Gn 1-11, utilizando a imagem de um tríptico. O quadro central e inicial apresenta Deus e o homem nos inícios da história: Gn 1,1 — 2,4a. É um quadro idealizado da primeira fase da humanidade: é um testemunho do primado de Deus e de que todas as coisas dependem dele.

Outro quadro do tríptico descreve o início do mal e da corrupção progressiva da humanidade. Neste quadro se quer dar a razão do porquê do mal, do pecado e do sofrimento do mundo. O último quadro apresenta-nos a história de amor e de misericórdia de Deus desde a origem da humanidade, tendo em vista a salvação futura. Uma história de salvação que é paralela à história de pecado e culpa.

Na segunda parte do livro, temos o desenvolvimento de alguns temas teológicos significativos: o homem e a palavra, o homem e Deus, o homem e o trabalho, o homem e o sábado etc. O A. procura estabelecer o sentido de cada tema dentro do contexto de Gn 1-11 e logo mostrar como tais temas são retomados e completados no NT. Muito sugestivos são os temas: o homem e o trabalho, o homem e o sábado. Termina esta parte enfatizando como em Gn 1-11 se faz presente "o início da história da salvação" e se dá uma chave de leitura da história humana.

A terceira parte do livro o A. intitula "Momento hermenêutico". Brevemente destaca a importância de Gn 1-11 na catequese como também seu uso e atualização no lecionário litúrgico. O livro termina com reflexões sobre a atualidade das perguntas e questões latentes nos primeiros cap. da Bíblia para o homem de hoje.

Baudillo Guzmán S.J.

BONORA, Antônio: *A fraternidade que salva*: Gênesis 37-50. /Tradução (do italiano) Pietro Leoni. — São Paulo: Ed. Paulinas, 1987. 102 pp., 19,9 x 11,9 cm. (Coleção: comentário bíblico — AT) ISBN 85-05-00775-1.

Este livro trata da história de José do Egito. O A. faz uma interpretação de Gn 37 a 50, procurando, como ele mesmo diz, "fazer falar" o texto, ou seja, fazer emergir possibilidades latentes de significado. Feito que certamente consegue alcançar no decurso das páginas deste livro, dividido em cinco capítulos.

O cap. I é dedicado a apresentar as características literárias e históricas da história de José. Mostra-a como uma ponte entre a história dos patriarcas e o livro do Êxodo e, além disso, destaca seu valor e significado no conjunto da história de Israel.

No cap. II, o A. faz uma leitura da vida de José, assinalando que sua história, como tal, acontece num contexto profano: o mundo egípcio. José é um homem verdadeiro, cujas características e experiências humanas o aproximam do leitor. E é dentro desse âmbito, onde se pode descobrir a presença de Deus.

Com o cap. III, "Fraternidade e reconciliação", o A. destaca o tema da fraternidade para assim captar uma intuição essencial da história de José. História que não só é de um indivíduo, mas também de uma família: a família de Jacó. É dentro do contexto da família, sobretudo nas relações entre os irmãos, onde se decide a "sorte" de todos, especialmente a do protagonista: Deus. Surge a divisão e o ódio fraterno na família, mas também é a partir dessa realidade tristemente humana que nasce o caminho para mudar e reconstruir novamente a fraternidade.

O cap. V enfatiza os diferentes modos de Deus fazer-se presente na história de José. Deus, como pastor da história humana, cuja presença conota sempre respeito pela liberdade do homem, mas que, por sua vez, está à procura do homem.

Finalmente, o A. assinala as repercussões que teve a história de José na tradição bíblica e fora da Bíblia. História que serviu como modelo de interpretação da história humana.

O livro, enfim, abre um caminho de leitura questionadora de Gn 37-50. O A. inclusive pergunta, como que convidando o leitor a dar resposta: Como escreveríamos hoje a história de José que continua sendo um juízo de condenação e um convite à reconciliação?

Baudillo Guzmán S.J.

ASURMENDI, Jesus: *O profetismo: das origens à época moderna.* / Tradução (do francês) Estella Fraga de Almeida Sampaio. — São Paulo: Paulinas, 1988. 151 pp., 20 x 13 cm. / Coleção: temas bíblicos. ISBN 85-00844-8

É importante considerar o profetismo como um movimento que perpassa a fé de Israel, desde tempos imemoriais, e a fé do povo cristão, até nossos dias. O livrinho de J.A. introduz-nos, de maneira breve e clara, no bojo deste dinamismo, onde história e teologia se entrecruzam, onde a Palavra é o instrumento de ação, onde Deus vai-se fazendo presente na vida concreta dos homens.

Neste rápido "roteiro" (109), o A. apresenta, por ordem cronológica, os profetas mais relevantes da história de Israel, explicitando elementos do contexto histórico e da mensagem de cada profeta. Detém-se também na abordagem sucinta de algumas perícopes importantes. Com isto, o risco da superficialidade fica obviado. Por outro lado, o A. esforça-se para atualizar o sentido da mensagem profética, no correr da história.

O A. contextua o profetismo bíblico na sua relação com o profetismo extra-bíblico (13-19), para começar com o movimento profético de Elias e Eliseu (20-28). Em grandes linhas, aborda o profetismo do séc. VIII a.C. (29-54), o profetismo exercido por ocasião da queda de Jerusalém (55-76), o profetismo no período do exílio (77-85) e o da volta do exílio (86-99). Daniel é apresentado como transição da profecia para a apocalíptica (100-108).

O profetismo do NT é também passado em revista (109-136), tanto no uso que faz de textos proféticos como chave de leitura para o evento Jesus Cristo, quanto nas figuras neotestamentárias tidas como profetas e o conteúdo do termo profeta em uso nas comunidades primitivas.

O capítulo final trata do profetismo hoje (137-147), mostrando em que sentido os textos proféticos ainda são significativos e atuais e como a Igreja não pode viver sem profetas e sem ser profética.

O volume foi acrescido de uma pequena bibliografia de textos sobre os profetas, já publicados pelas Ed. Paulinas (148).

O A. não explica porque exclui Abdias, Naum, Habacuc, Sofonias e o Trito-Isaías do seu estudo. Afinal todos eles são profetas bíblicos, mesmo que seus textos despertem menos interesse.

Por outro lado, para nós latino-americanos, o último capítulo soa demasiado açucarado. Talvez devesse ser reescrito em termos menos intra-ecclesiais e mais voltado para a situação de injustiça circunstante que nos avizinha muito do profetismo bíblico do séc. VIII a.C.. Só o fato de viver o A. numa sociedade desenvolvida e abastada, pode explicar sua afirmação a respeito de Am 1,6: "Verdade é que não se vende mais o pobre por um par de sandálias (ainda bem!)" (42). Só se for na França!

J.V.

VAN DE KAMP, Peter W.: *O profeta Isaías: comentário a Isaías 1-39*. — São Leopoldo: Sinodal, 1987. 147 pp., 22,2 x 15,9 cm. ISBN 85-233-0082-1

O presente volume corresponde às notas de um curso sobre o profeta Isaías, ministrado pelo A., pastor da Igreja Reformada, para adultos de sua Escola Dominical. O A. manteve a forma original dos estudos (5).

Após uma sucinta introdução (7-9), a obra está dividida em cinco partes (Is 1-12; 13-23; 24-27; 28-35; 36-39), num total de 31 lições. Cada lição é precedida por uma tarefa que consiste na leitura do texto bíblico a ser comentado e numa série de perguntas cujas respostas são elucidadas no corpo do comentário. Ao comentar os textos, o A. explica sumariamente, mas com detalhes, as perícopes menores, dá-lhes a possível datação, explica termos e expressões, faz ligações com outros textos bíblicos e procura ler o texto do profeta numa perspectiva cristológica. A tendência do A. é considerar Is 1-39, como um todo, como obra do séc. VIII a.C., mesmo o chamado *Apocalipse de Isaías* (Is 24-27), que teria sido escrito a partir da catástrofe que se abateu sobre alguma cidade da região, talvez Moab (90).

Este estudo supõe ter diante de si o texto de Isaías, para poder acompanhar, passo a passo, a exposição do A..

Não deixa de ser estranha a identificação que o A. faz, ao longo do comentário, dos vocábulos Sião e Igreja. P. ex.: "Sião/Jerusalém (a igreja!) será o centro de uma nova ordem mundial" (94). O termo "igreja" poderia ter sido deixado para o momento da atualização do texto isaiano. Por outro lado, a explicação dada a Is 7,14, o texto que fala da *almah*, é demasiado vaga: "uma moça que tem fé no Deus todo poderoso e confia em que ele cumprirá as promessas feitas a seu povo e à casa de Davi" (36). Como controlar este tipo de sinal?

A obra pode interessar a quem já tem um certo conhecimento do texto de Isaías e queira aprofundar-lhe o sentido literal.

J.V

***A história do nascimento de Maria: Proto-Evangelho de Tiago*. / Tradução, organização e notas Lincoln Ramos. — Petrópolis: Vozes, 1988. 67 pp., 17,9 x 13 cm. (Coleção: bíblia apócrifa; A: NT; I: evangelhos).**

Feliz iniciativa da Ed. Vozes a publicação dos livros apócrifos em tradução brasileira a partir das edições críticas mais sérias.

O presente volume permite ao leitor brasileiro um fácil acesso ao *Proto-Evangelho de Tiago*, texto de importância mariológica, não evidentemente como fonte histórica, mas como testemunho das preocupações teológicas populares no séc. III. Dois pontos são frisados pelo autor em sua narrativa: a santidade de Maria desde o nascimento, senão já em sua concepção; a virgindade perpétua — antes do parto, no parto e depois do parto. O ponto mais curioso é como o autor assegura a

virgindade no parto, de forma que chega a ser indecorosa, mas testemunha da importância que dá ao caráter físico da virgindade.

A tradução — de boa qualidade — é precedida por uma introdução que vai do geral ao particular: caracterização dos apócrifos, aclaração da terminologia (apócrifo, deuterocanônico, pseudoepígrafo etc.), lista dos principais apócrifos do AT e NT, importância dos apócrifos do NT e, por fim, informações sobre o Proto-Evangelho de Tiago. O texto é enriquecido por notas explicativas, de desigual valor: desde informações de crítica textual ou aclarações sobre o sentido do texto até informações elementares como as da nota 8 do cap. 1. Em apêndice está a tradução de um trecho do Proto-Evangelho na revisão mais breve que traz o papiro Bodmer (do séc. III). O título principal, sob o qual foi publicado (*A história do nascimento de Maria*), por mais que tenha fundamento no papiro Bodmer, como título primitivo da obra, não deixa de ter impacto comercial e enganar devotos incautos.

F.T.

KILPP, Nelson — TREIN, Hans Alfred (coord.): *Proclamar libertação*: auxílios homiléticos. Vol. XIV. — São Leopoldo: Sinodal, 1988. 439 pp., 21,4 x 15,1 cm. ISBN 85-233-0163-1

Perspectiva Teológica já teve oportunidade de apresentar o vol. X destes subsídios homiléticos oferecidos para o uso dos pastores da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (cf. *Persp. Teol.* 17, [1986] 133-134). Entre aquele e este volume houve certa evolução. Continuam a ser apresentadas duas séries: a alternativa e a oficial, mas a primeira passou a desbordar o estritamente homilético para apresentar experiências com o uso da Bíblia em grupos populares. Ela testemunha da excelente atuação e presença de nossos irmãos luteranos em grupos de base.

Mas mesmo na série regular de perícopes são introduzidas inovações. Original e criativa é a sugestão do Pastor Dr. Gerd Uwe Kliewer. Para refletir sobre a parábola da pérola (Mt 13, 44-46), propõe uma dramatização seguida de discussão, em vez da tradicional prédica. A dramatização é muito bem pensada e, de fato, aborda problemas bem reais que sacudirão a comunidade.

Outra novidade deste volume é que os auxílios homiléticos são — em grande parte, senão na maioria — da autoria de pastores, encarregados de alguma comunidade, pessoas, portanto, que têm domingo a domingo a tarefa de pregar a Palavra e escrevem a partir dessa experiência, embora, como é próprio da tradição evangélica luterana, geralmente com base em bem fundado estudo exegético. Daí também o grande número de colaboradores deste volume: 45 pessoas.

Também o leitor católico poderia tirar bom proveito da leitura e manuseio deste volume, seja para a pregação seja para reflexão pessoal, retiros, celebrações da Palavra.

F.T.

ZEVALLOS, Noe: *Rosa de Lima, compromiso y contemplación.* — Lima: CEP, 1988. 66 pp., 22,7 x 14,3 cm.

Nestas poucas páginas o A. quer reler a vida de Santa Rosa de Lima, Padroeira da América Latina, numa nova perspectiva. Até há pouco os biógrafos se compraziam em acentuar sua vida de penitências rigorosíssimas que a poderiam tornar suspeita de anormalidade psíquica para quem deu a volta da modernidade, ou desinteressante para quem busca a libertação da situação opressiva de nossos povos. N.Z. chama a atenção para o esquema tradicional de vida de santos: nascimento de pais pobres ou, pelo menos, virtuosos, precocidade de sua resposta a Deus ou sinais de predestinação já na infância ou até no nascimento e mesmo antes, não hierarquização das virtudes do santo.

Voltando às fontes históricas da vida de Rosa, N.Z. salientará traços talvez até agora descuidados. Assim explica seu amor às penitências mais rigorosas não só pelo natural forte das pessoas da época nem só pela mentalidade barroca da espiritualidade então vigente, mas como solidariedade ao que na infância presenciou dos índios enviados às minas. Sublinha a inteligência de Rosa, seu espírito arguto, sua sabedoria na escolha de diretores espirituais prudentes e sábios (o que fez com que não se envolvesse com a Inquisição). Lembra seu amor a Lima, sua terra natal. Chama a atenção ao fato de não se ter feito religiosa, mas ser uma santa leiga (da Ordem Terceira de São Domingos) que chegou a altíssima contemplação. Por fim, mostra o amor de Rosa pelos pobres, pelos enfermos, pelos necessitados, o que explica que tenha despertado uma imensa simpatia entre seu povo, manifestada já por ocasião de sua morte.

F.T.

SÍNTESE — Nova fase

Revista quadrimestral da Faculdade de Filosofia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (Belo Horizonte) e do Centro João XXIII de Investigação e Ação Social (Rio de Janeiro)

ISSN 0037-5772

Vol. XVI — N. 44 — Setembro-Dezembro 1988

Xavier HERRERO: Editorial. — H. C. LIMA VAZ: Democracia e dignidade humana. — Francisco IVERN: Igreja, democracia e pluralismo. — Valdelí C. da COSTA: As religiões afro-brasileiras nos últimos vinte anos. — Raimundo O. de ANDRADE: Nota sobre o desenvolvimento. — Henri CHABASSUS: Para a história da orientação vocacional IX. — Bibliografia. — Índice geral 1988.